

Covid-19: Políticas Públicas e as Respostas da Sociedade



Parji Borghani/Pixabay

Informação de qualidade para aperfeiçoar as políticas públicas e salvar vidas



Nota Técnica No. 12

Aumento de Mortes e Infectados nas Comunidades

Mais Vulneráveis Acentuam a Percepção de Desamparo e de Risco à Sobrevivência

Nova rodada de consulta a lideranças de comunidades vulneráveis revela:

- O aumento das mortes pela Covid-19 tornou-se flagrante para as comunidades: os relatos foram de 0% na primeira para 16,5% nesta segunda rodada de entrevistas. A expansão do contágio, que havia marcado 5,6% dos informes, saltou para 30,4% nesta segunda onda de monitoramento.
- A fome e falta de renda se mantêm na lista dos problemas graves apontado pelas lideranças, que não conseguiram superar a desinformação, as notícias falsas e os desencontros entre recomendações das autoridades públicas. 40% dos entrevistados afirmaram que a distribuição de alimentos é insuficiente.
- 90% das lideranças citaram que os próprios moradores, associações locais e entidades religiosas das comunidades de alta vulnerabilidade passaram a se mobilizar para mitigar os impactos da pandemia.
- A multiplicação de estratégias de arrecadação e doação de alimentos, somam-se às iniciativas voltadas para o incremento de renda e melhoria da informação despontam nas comunidades como esforço de auto-organização. Além da pequena presença os partidos, associações de classe e grandes empresas são olhados com suspeição.
- O poder público, em seus diferentes níveis, é tratado com desconfiança e descrédito. Sua ineficiência ou ausência estimula a formação de redes de moradores e entidades voltadas para garantir a sobrevivência nas comunidades.
- O reconhecimento e o suporte público e privado a essa malha de solidariedade é vital para que um grande número de famílias possa resistir à Covid-19.

Introdução

Este Boletim traz resultados da segunda onda de coleta de dados do *Painel de monitoramento com lideranças comunitárias sobre os impactos do avanço da pandemia do Covid-19*, realizado pela Rede de Pesquisa Solidária. O registro regular de informações sobre os principais problemas que essas populações enfrentam com a pandemia permite a antecipação de crises e o gerenciamento de risco pelo poder público e pelas próprias comunidades.

O estudo ouviu, identificou e sistematizou problemas críticos relatados por lideranças de mais de 70 comunidades, bairros, territórios e localidades de alta vulnerabilidade social em diferentes regiões metropolitanas do país. Para este Boletim, foram contatadas as mesmas lideranças da primeira onda de monitoramento consolidada no Boletim # 7 (22 de maio), assim como novos representantes de outras regiões metropolitanas, o que aumentou o escopo territorial da pesquisa. Desta vez, além de seis regiões metropolitanas de Manaus, Recife, DF, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, foram incluídos relatos de lideranças das regiões de Campinas, Salvador, Joinville e Maringá.

As entrevistas foram realizadas entre os dias 25 de maio e 05 de junho de 2020. Como na primeira onda, os resultados foram colhidos do depoimento direto de 79 lideranças (de um total de 108 contatadas) que responderam perguntas rápidas e padronizadas por meio de aplicativos de celular.

As lideranças e representantes comunitários são fontes estratégicas de informação do estudo, pois estão cotidianamente mobilizados no enfrentamento dos problemas mais graves que atingem suas localidades. Em diálogo constante com a população, recebem demandas, gerenciam conflitos e possuem olhar mais integrado dos territórios em que atuam. Cabe registrar que a Organização Mundial da Saúde (OMS) ressalta a importância do engajamento comunitário para a efetiva comunicação dos riscos e do controle da epidemia em contextos locais, principalmente nas comunidades mais vulneráveis. Por seu conhecimento do território, por sua experiência e pela capilaridade de suas redes pessoais, as lideranças comunitárias exercem papel chave na disseminação de medidas de prevenção ao vírus e na construção de soluções alternativas aos danos sociais da pandemia.

Este Boletim apresenta os resultados do processamento de duas perguntas abertas feitas a essas lideranças. A metodologia utilizada não prevê estímulo a temas ou problemas específicos porque o objetivo é possibilitar a captura de situações e eventos inesperados gerados pela crise atual.

A primeira pergunta realizada foi sobre a percepção de problemas e dificuldades enfrentados pelas comunidades em decorrência da pandemia e replicou a formulação utilizada na primeira onda do estudo. A reiteração procura captar mudanças na percepção de risco assim como a emergência de problemas novos. A segunda pergunta, aplicada pela primeira vez nesse Painel, voltou-se para a identificação de soluções e iniciativas coletivas ou individuais criadas e desenvolvidas pelas próprias comunidades no enfrentamento da pandemia¹.

¹ A formulação das perguntas: "As perguntas abaixo se referem aos possíveis problemas, conflitos e situações de dificuldade que surgiram ou foram agravadas por conta da pandemia do covid-19 e as políticas para sua contenção - como o distanciamento social, por exemplo. (i) Na última semana que tipo de problemas e situações a população da comunidade/ território em que atua tem vivido? Por favor, relate os principais motivos pelos quais as pessoas têm lhe procurado ou os principais problemas que ficou sabendo que estão ocorrendo." (ii) Você conhece iniciativas ou soluções individuais ou comunitárias desenvolvidas no território em que atua para conter ou superar problemas e dificuldades gerados pela pandemia do covid-19? Que iniciativas são essas? Conte um pouco sobre elas: qual objetivo? Quem desenvolve? Aqui não estamos interessados em ações do poder público, mas sim de respostas da própria comunidade.

Resultados

A nova coleta de dados do Painel aponta que os problemas materiais causados pela pandemia – como fome e dificuldade de acesso à renda e emprego – figuram novamente como os mais citados entre as lideranças comunitárias de dez regiões metropolitanas do país. Cerca de 67% das lideranças trouxeram relatos sobre fome e privação de alimentação. O acesso a trabalho e renda segue como o segundo problema mais citado, situação que se agrava por conta das dificuldades de acesso ao Auxílio Emergencial do governo federal, apontado por cerca de 30% dos informantes.

Já a percepção de aumento do contágio do vírus e de crescimento do número de óbitos se fortaleceu nessa segunda onda despontando como um problema relevante. Esse dado sugere que, para além dos impactos de natureza econômica, os efeitos da pandemia na saúde e na sobrevivência dessas populações tornam-se cada vez mais críticos com o avanço no tempo. A expansão do contágio foi apontada por 30,4% das lideranças contra 5,6% na primeira onda; e o aumento de óbitos citado por 16,5% ante 0% na primeira onda, foram relatados como fonte de medo e insegurança nas comunidades.

Menções sobre aumento da insatisfação com a atuação do governo no enfrentamento da crise sanitária também emergiram espontaneamente nessa nova coleta, reiterando relatos recorrentes de falhas e lacunas no acesso a políticas públicas diversas. As duas ondas de monitoramento registraram ausências e falhas significativas na oferta de serviços de saúde, nos benefícios emergenciais que não chegam e na descontinuidade e imprecisão de ações de informação e de prevenção contra o vírus.

Apesar dos esforços das inúmeras redes de solidariedade e de ajuda ocasional do próprio poder público, 40% das lideranças relataram que a doação de alimentos não é suficiente e apresenta problemas de coordenação e logística de difícil solução.

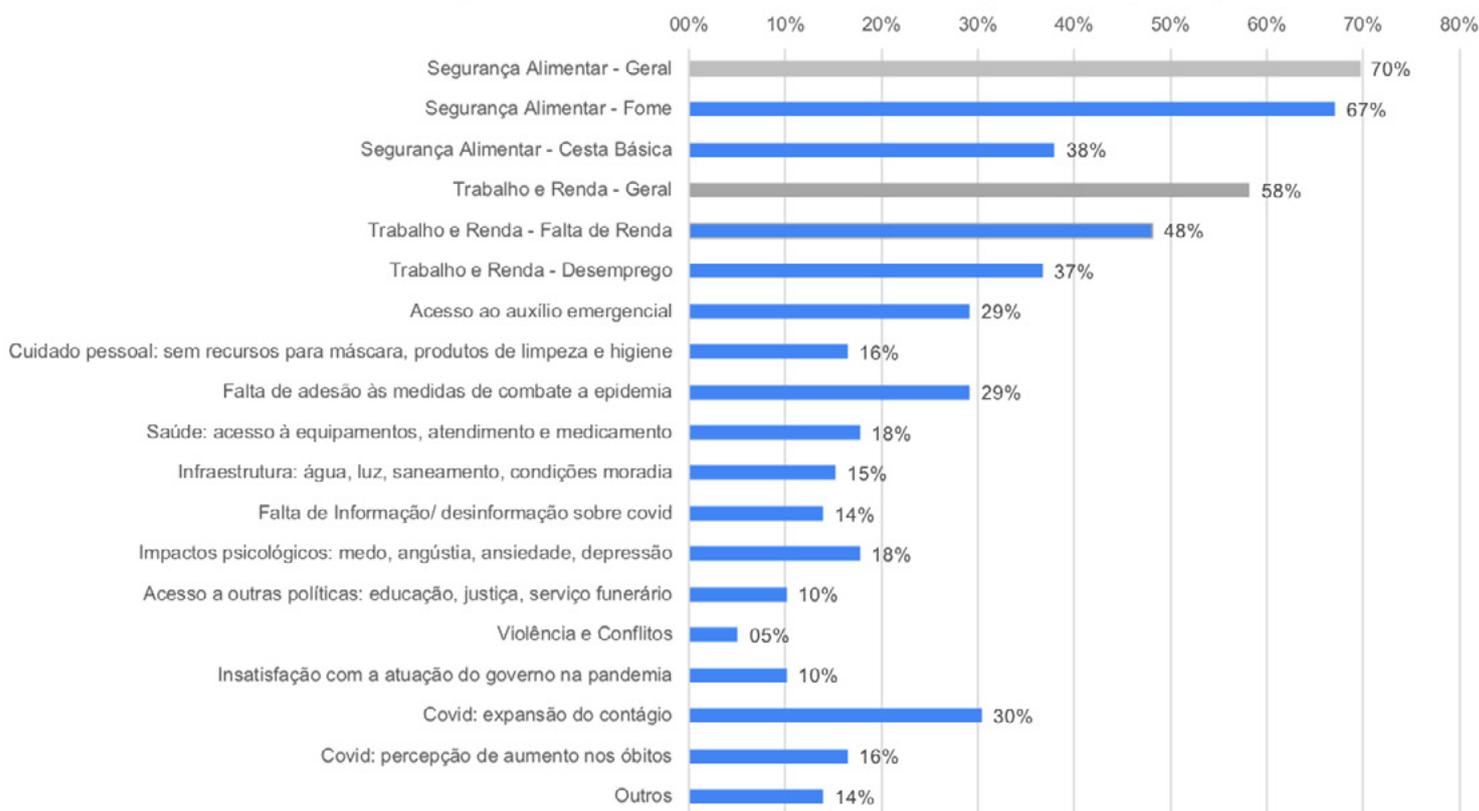
Apesar de forte presença nas mídias sociais, a ajuda de empresas, sindicatos e partidos políticos não ganhou destaque nas comunidades mais afetadas.

Em sentido diverso, diante do desamparo apontado, as comunidades reagem à inação dos governos. 88% das lideranças e dirigentes de associações de bairro e de coletivos populares relataram a disseminação de iniciativas desenvolvidas pelas próprias comunidades para aplacar as necessidades materiais ou para educar e informar a população sobre as medidas mais adequadas de cuidado e prevenção contra a Covid-19. Mesmo com a limitação de recursos, há forte mobilização da sociedade civil para reduzir os efeitos crise. Associações de bairro e entidades religiosas, políticas, culturais, assim como moradores autônomos, diante da ausência do poder público, atuam para responder às necessidades materiais, para educar e informar a população sobre as medidas adequadas de prevenção e cuidados diante da Covid-19.

Os dois gráficos a seguir representam as Ondas 1 e 2 da pesquisa e ajudam a ilustrar as mudanças de foco das lideranças e a variação das preocupações da população mais vulnerável nas localidades contatadas pela Rede.

Gráfico 1

Onda 2: Problemas críticos vividos pelas comunidades durante a pandemia (%)



Fonte: Painel de Monitoramento de Lideranças Comunitárias no Cenário da Covid-19. Onda 2. 25/05- 05/06 2020. Resposta Múltipla em %. N= 79

Gráfico 2:

Onda 1: Problemas críticos vividos pelas comunidades durante a pandemia (%)



Fonte: Painel de Monitoramento de Lideranças Comunitárias no Cenário da Covid-19. Onda 1. 05-11 maio 2020. Resposta Múltipla

Problemas que persistem

A segunda onda da pesquisa revela que o enfrentamento das necessidades materiais causadas pela pandemia ainda é o principal problema que assola as comunidades vulneráveis. Questões referentes à segurança alimentar (como a fome) e o acesso a trabalho renda continuam sendo as dificuldades mais citadas pelas lideranças que compõem o Painel. Cerca de 70 % dos informantes apontam o risco de insegurança alimentar vivenciado pelas populações vulneráveis das localidades em que atuam, com relatos contundentes sobre fome e privação de alimentação. Permanece a percepção generalizada de que a preocupação com a fome aumenta à medida em que a epidemia se prolonga e as respostas se mostram insuficientes. Assim como na primeira onda do Painel, foram coletados relatos de problemas que envolvem a demanda e distribuição de cestas básicas. Aproximadamente 40% das lideranças apontaram – nas duas ondas do estudo – que os esforços realizados pelo poder público e pela sociedade civil para doação de alimentos são insuficientes e apresentam desafios de coordenação e logística.

"Existem mães, aqui na comunidade, que estão dando maisena com água e açúcar para as crianças. Isso aí está me incomodado muito"

(Liderança comunitária do Morro do Coroa – Rio de Janeiro, RJ)

"A maior procura foi a alimentação, todos que vem a minha procura é porque falta mantimentos pra pôr na mesa"

(Liderança comunitária da Vila Jacuí – São Paulo, SP).

O acesso a trabalho e renda segue como segundo problema mais citado pelas lideranças comunitárias que compõem o Painel. Assim como na primeira coleta de dados, cerca de 60% dos informantes mencionaram que a redução drástica da renda e o desemprego continuam afetando criticamente a população. Nos dois monitoramentos, cerca de 30% das lideranças alertaram para as dificuldades de acesso ao Auxílio Emergencial do governo federal, com a persistência de problemas de cadastro, saque e recebimento do benefício.

"agravamento do problema da questão da falta de trabalho, né, das pessoas estarem perdendo trabalho. (...) isso, naturalmente, dá para perceber que é um problema muito grande para o pessoal de baixa renda, porque ninguém tem, a gente não tem uma reserva de dinheiro para poder ficar um tempo sem trabalhar. Essa reserva do dinheiro viria, naturalmente, pelo auxílio emergencial oferecido pelo governo, que todos sabemos que é uma piada, e que, infelizmente, muitas pessoas não receberam ainda nem a primeira parcela".

(Liderança comunitária do Morro do Macaco – Cotia, SP)

Entre as duas ondas do Painel identifica-se pouca oscilação nas menções referentes aos desafios para manutenção do isolamento social, à falta de informação/desinformação sobre a Covid 19, ao acesso a saúde e outras políticas e aos impactos psicológicos da pandemia.

Sobre o problema da falta de informação e desinformação sobre a pandemia, as lideranças reiteraram que a disseminação de notícias falsas e o desencontro entre as recomendações feitas pelos diferentes níveis do poder público confundem a população e tornam a gestão da crise mais dramática. Dificuldades de compreensão dos riscos do vírus e da importância das medidas de prevenção indicam falhas na atuação governamental, que surge como pouco efetiva em ações educativas e informativas.

E o que nos preocupa muito é que nós não temos informações adequadas da parte da saúde. A saúde territorial da nossa comunidade deixou muito a desejar na questão da informação. A gente não tem as informações corretas. A gente não sabe se nossa UBS, que é estratégica da família, está tratando essa questão da epidemia aqui na nossa comunidade.

(Liderança comunitária de Cangaíba – São Paulo, SP)

"Você tem um presidente que passa para pessoa que é pra ir pra rua, e as pessoas veem na televisão o presidente falando pra ir pra rua e elas vão. Muita gente falou: "mas o presidente falou que não é pra ficar em casa". A TV passa, eles não vão ver o que é verdade, não assimilam, e fazem de cara o que estão vendo na tela. Isso é muito complicado."

(Liderança comunitária do Campo Limpo – São Paulo, SP)

Surgem novos problemas enquanto os antigos aumentam

Apesar da estabilidade nas menções aos problemas mais críticos, a segunda onda identificou a emergência e crescimento da percepção de outros temas como o fortalecimento da percepção de aumento de contágio e de óbitos decorrentes da Covid-19. O problema da expansão do contágio em seus territórios foi apontado por 30,4% das lideranças que participaram do Painel. Na primeira onda esse tema foi mencionado por apenas 5,6% dos informantes. Já a percepção sobre o aumento do número de óbitos nas comunidades, que não apareceu na primeira onda, foi citada por 16,5% dos representantes comunitários na segunda coleta. Esses temas aparecem em relatos marcados por grande preocupação e medo, uma vez que a ameaça à saúde e à sobrevivência torna-se cada vez mais próxima.

"[A comunidade] está ficando apavorada, pois as coisas estão apertando financeiramente, as pessoas estão adoecendo e estão morrendo muitos amigos e parentes com corona vírus, e a comunidade não tem nem previsão de quando vai acabar tudo isso"

(Liderança comunitária do Pina – Recife, PE)

A gente está vendo muitos óbitos na nossa região, muitos óbitos e muitas pessoas infectada. Muitas pessoas infectadas. A avaliação que eles tão fazendo, da América Latina, a gente percebe aqui na ponta que ela é real. A doença está se expandindo, nas nossas regiões, e infectando muitas pessoas. E, aí, levando algumas pessoas à óbito. A gente teve informações de óbito, na nossa região, de, no mínimo, nessa última semana, umas dez pessoas. Mas, infectadas, a gente tem ouvido falar de um monte de pessoas infectadas.

(Liderança comunitária do A. E. Carvalho – São Paulo, SP)

Com a vida em risco, a sensação de abandono cresce e foi capturada por relatos de aumento da insatisfação com atuação do governo no enfrentamento da crise. Esse problema, que não apareceu na primeira coleta do Painel, foi mencionado espontaneamente por 10% das lideranças nesta segunda coleta. Frente à sensação de descrença, as comunidades procuram cada vez mais construir respostas locais à crise, tanto coletivas quanto individuais.

O maior problema aqui na nossa comunidade é o governo no começo dessa pandemia eu acho que eles fizeram muito errado. Eles pegaram e começou a fazer doação de cestas, muitas, em algumas associações. (...) Foi uma coisa muito errada que eles fizeram, eles não fizeram uma coisa organizada. (...) aqui está um caos de várias famílias precisando de comida, cesta básica, produtos de higiene, produtos de limpeza, (...) E aquelas mães de família que precisa não pegou esse auxílio emergencial, então ficou uma bagunça, o governo fez uma bagunça com a população, sendo que na nossa região o índice dessa doença é muito grande. (...) Eu acho que o governo deveria ter se organizado melhor, virou uma bagunça, o povo saiu todo mundo para rua. Aqui está um caos, dá medo. Aqui é a região mais afetada.

(Liderança comunitária da Brasilândia – São Paulo, SP)

Iniciativas e soluções das comunidades

"[São] ações solidárias da nossa comunidade sem ajuda dos órgãos públicos. Juntos, somos fortes"

(Liderança comunitária de Parada de Taipas – São Paulo – SP)

"São pessoas. O poder público não nos ajuda com nada. (...) Estamos tentando ajudar um povo tão sofrido e chegamos à conclusão de que juntos, somos mais fortes".

(Liderança Comunitária do Educandário – São Paulo – SP)

Em geral, a comunidade unida se torna mais forte.

(Liderança Comunitária de Roda de Fogo – Recife – PE)

As frases das lideranças comunitárias não poderiam ser mais eloquentes para caracterizar as iniciativas desenvolvidas nos territórios: na falta do estado, as comunidades passaram a se organizar para enfrentar a crise econômica e sanitária. 88,6% dos líderes comunitários indicaram a existência de pelo menos uma iniciativa ou solução desenvolvida no território para tentar suplantar problemas potencializados pela Covid-19. E não são iniciativas pontuais: cerca de 60% dos líderes das 10 regiões metropolitanas relataram a existência de 3 ou mais iniciativas em seus territórios.

Iniciativas desenvolvidas

Como esperado, as principais iniciativas estão ligadas às ações de arrecadação e doação: 8 em cada 10 lideranças relataram ações dessa natureza. Entre os itens arrecadados e doados, alimentos (cerca de 70%) e itens relacionados a higiene, limpeza e prevenção ao Covid-19 (43%) são os mais frequentes, mas não são os únicos. Doação de roupas, botijões de gás, eletrônicos e livros também foram mencionados entre as doações.



Coleta: de 25.5 a 05.06). Resposta Múltipla em % (n=79)

A falta de informação e desinformação sobre a Covid-19 impulsionou diferentes ações educacionais e informativas sobre a doença. Cerca de um terço dos líderes comunitários identificou esse tipo de iniciativa em seus territórios, o que deixa clara a compreensão da sociedade civil da importância da disseminação de informações confiáveis para todos. Esse processo é feito de diferentes maneiras: envio de panfletos educativos de prevenção à doença junto às cestas básicas, disseminação de vídeos e áudios por meio de grupos de mensagens de moradores, uso de carros com alto falantes nas ruas das comunidades, comunicados em postes e abordagem de esclarecimento de dúvidas de porta em porta.

"Então, a gente busca por meio desse grupo de WhatsApp e também pelas redes sociais conversar com essas pessoas, comunicar essas pessoas com o objetivo de conter essa pandemia. Também gravamos um áudio e passamos com carro de som no território falando, orientando as pessoas com linguagem mais popular que as pessoas irão entender. E também a produção de alguns lambes que colamos em alguns postes e em alguns muros do território informando as pessoas sobre a doença e sobre como conter essa doença toda. Além de que todas as cestas básicas vão com informes, todos os kits de higiene vão com informes de como se cuidar."

(Liderança comunitária do Sapopemba – São Paulo, SP)

"Um carro de som visita as favelas e roda pelas ruas levando um rap numa letra consciente que fala na linguagem da quebrada como se proteger do Coronavírus"

(Liderança comunitária do Morro do papagaio – Belo Horizonte, MG).

"Tem um rapaz, aqui, que é da publicidade. A gente fez uma vaquinha aqui e colocou ele na rua pra poder fazer essa divulgação, tá? Então roda o carro, aqui, o dia inteiro. Então, é a comunidade que paga pra fazer isso. Aqui, ninguém mais, outra pessoa não tem isso"

(Liderança comunitária de Ermelino Matarazzo – São Paulo, SP).

Outros problemas que progrediram durante a pandemia também são alvos de iniciativas das comunidades. O impacto psicológico tem sido enfrentado por parcerias com centros de atendimento psicológico e pela oferta de atendimento voluntário online por psicólogos, como citado por quase

10% dos líderes comunitários. Já a falta de recursos tem sido alvo de iniciativas mencionadas por 1 em cada seis lideranças: ajuda para construir currículo, para acesso ao auxílio emergencial, entrega efetiva de recursos financeiros para pagamento de contas de itens básicos, como o gás.

No entanto, o mais interessante são as iniciativas que conjugam diferentes frentes de atuação. Nesse sentido, a produção de máscaras e a venda de materiais para reciclagem são exemplos claros. No primeiro caso, o ciclo da ajuda começa com a arrecadação de retalhos para costura de máscaras. Desses retalhos, voluntárias e costureiras profissionais produzem máscaras que podem se transformar em iniciativas de pelo menos três maneiras: (1) doação integral das máscaras produzidas voluntariamente; (2) permuta entre as máscaras produzidas em troca de um quilo de alimento, a ser doado posteriormente para famílias em situação de vulnerabilidade; e (3) compra das máscaras produzidas pelas próprias entidades para doação, garantindo assim também o sustento das costureiras.

Já no caso da reciclagem, trata-se de doações feitas pelas famílias da própria comunidade e, com a venda do material, o dinheiro é revertido em doação para famílias mais vulneráveis.

Nós lançamos em Facebook, em redes, nas mídias de modo geral, inclusive WhatsApp, a solicitação de reciclagens. (...) Nós estamos levando para o nosso pequeno galpão da Associação, e as empresas fazem aquisição deste produto (...) todo o valor nós estamos trocando por um cupom em um mercado e uma farmácia, e aí eles estão fazendo a troca, né. (...) Nós estamos junto com outros coletivos trocando uma máscara por alimento, garantindo aí a principal ferramenta de ajuda.

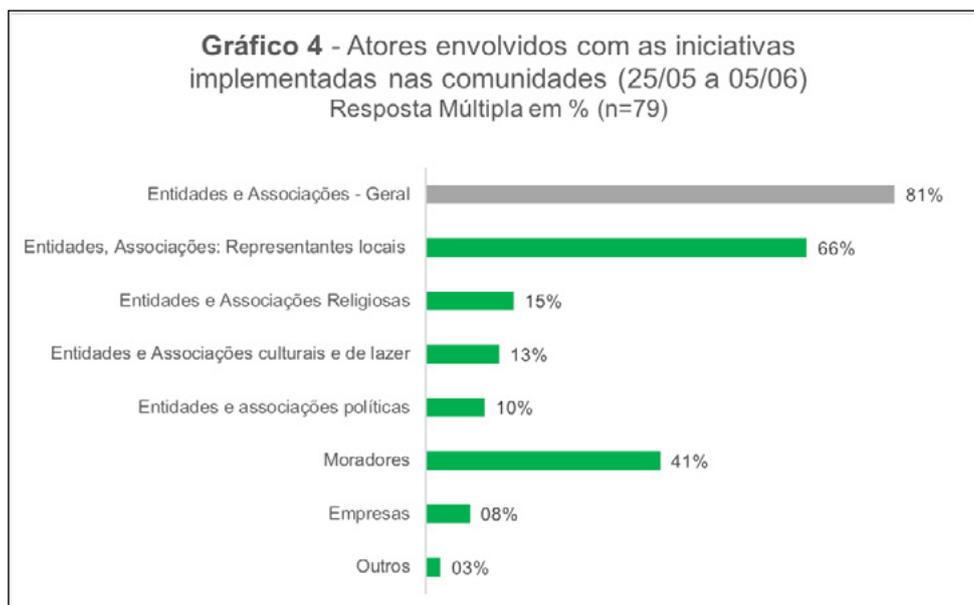
(Liderança comunitária do Jardim São José - Francisco Morato, SP)

"A gente fez um acordo com algumas costureiras que são mais próximas(...) Nós fizemos uma campanha no bairro de Santa Teresa do retalho. Quem tivesse tecido, é pra doar, tecido e linha. E, aí, nós fizemos um acordo (...) com uma costureira [que se expandiu depois]. O que ela fazia? Ela vendia 3 máscaras por R\$10,00, se [o pessoal da campanha] fosse comprar. E, paralelo a isso, ela estava vendendo 2 máscaras por R\$10,00, cada uma por R\$ 5,00. E, a cada 2 máscaras que ela vendia, ela dava uma para campanha".

(Liderança comunitária do Morro do Coroa – Rio de Janeiro, RJ)

Mas quem são os atores por trás dessas iniciativas?

Quatro em cada cinco líderes comunitários citaram a atuação de entidades e associações em seus territórios. As mais citadas foram as formadas por representantes locais. Grupos de líderes comunitários, coletivos populares, associações de bairro foram citados por quase dois terços das lideranças entrevistadas. As soluções nascem de entidades ligadas ao lazer e a cultura locais, de times de futebol de várzea e associações culturais, assim como de grupos evangélicos e católicos. Juntos, representam quase um terço dos grupos que atuam nas comunidades investigadas pelo Painel.



Coleta de 25.05 a 05.06). Resposta múltipla (n=79)

Essa atuação local é ainda impulsionada por ações individuais de moradores. Nada menos do que 40% dos líderes comunitários citaram a mobilização de moradores de seus territórios em iniciativas. Atores que não faziam parte de grupos organizados para atuar na comunidade passaram a se engajar em diferentes frentes, seja na arrecadação e doação de alimentos e instrumentos de prevenção, como na confecção de máscaras e na distribuição de materiais, seja na limpeza ruas para diminuir a contaminação e nas ações informativas de casa em casa.

"Produção de máscaras de pano por voluntárias moradoras da favela"

(Liderança comunitária do Morro do papagaio – Belo Horizonte, MG).

"Pessoas com trabalhos voluntários para tentar minimizar a dor de algumas famílias com distribuição de cesta básica, máscaras e álcool em gel."

(Liderança comunitária de Ermelino Matarazzo – São Paulo, SP)

v "No bairro os moradores mais jovens estão se reunindo e dividindo as tarefas para poder atender as pessoas de risco em contaminação ao covid-19, por exemplo: junta 3 ou 4 jovens/adolescentes para cuidar de fazer um levantamento das prioridades a serem atendidas desse público alvo, após este levantamento, fazem a divisão das tarefas, uma equipe cuida de ir ao super mercado, farmácia, sacolão, outra equipe de ir até a UBS e/ou farmácia popular para fazer a retirada da medicação de uso contínuo, se não encontra a UBS de atendimento eles vão procurar na rede."

(Liderança comunitária do Capão Redondo – São Paulo, SP)

Não somente as iniciativas estão interligadas como os atores atuam de forma articulada. Quase um terço (31,6%) dos líderes comunitários se referiu as ações em rede com outros atores. O diagnóstico de problemas na distribuição de cestas básicas por conta da fragmentação das doações estimula um movimento de articulação entre entidades e associações. Muitos relatos identificam o contato

de organizações maiores, como a Central Única das Favelas (CUFA), com líderes comunitários para a realização da distribuição das doações em seus territórios e a articulação entre líderes comunitários e associações de bairro para o mapeamento de quem já recebeu doações, para a identificação e priorização das famílias mais vulneráveis e para a redistribuição e troca doações de alimentos, itens de limpeza e higiene entre comunidades.

"E aí a gente está bem organizado com outras entidades também, que trabalham na comunidade, na questão de como ter uma forma organizada na distribuição de alimentos, para que algumas famílias não recebam muitas cestas básicas de uma vez só e de várias entidades diferentes, e outras fiquem desassistidas. Então a gente está fazendo uma distribuição de forma organizada, sabendo que está recebendo e quem ainda não recebeu".

(Liderança comunitária do Morro do Meio – Joinville, SC).

"a resposta da comunidade pra solucionar o problema, nós mesmos, sem o poder público, sem nada ... é essas iniciativas de ir atrás do alimento com ações coletivas entre nós, com grupos de WhatsApp, com os grupos de futebol do WhatsApp, grupos de igreja (católica, evangélica), e associação de morador. Foram essas ações que conseguimos para poder solucionar esse problema aí e tem conseguido fazer melhor do que o poder público. Eu participei de uma ação com a CUFA (Central Única das Favelas). Eles têm feito uma ação muito boa que o governo devia pegar pra exemplo. No caso da Mãe da Favela, que nós fizemos através da CUFA, de doar R\$ 300 para mães (...) nós pegamos e fizemos o cadastro que foi melhor do que o do governo federal. Todo mundo chegou e recebeu rápido: não teve fraude, não teve nada"

(Liderança comunitária do Campo Limpo – São Paulo, SP).

Por fim, vale ressaltar o pequeno número de relatos sobre a participação de empresas e mesmo de associações políticas nesses territórios. 10% das lideranças comunitárias citaram a atuação de movimentos sociais, sindicatos e partidos políticos. No caso das empresas, o percentual foi ainda mais baixo, com apenas 7,5% das citações.

As associações políticas não são citadas nas iniciativas articuladas em rede e ainda são vistas com suspeição pelas lideranças. Os relatos questionam também a baixa participação de grandes empresas nas doações e percebem muitas vezes a atuação política nos territórios como estratégia de autopromoção para as próximas eleições.

Recomendações

- Como na primeira rodada de monitoramento, as informações coletadas sugerem que a coordenação dos esforços para distribuição de alimentos é fundamental.
- A ausência de uma atuação coerente e clara do poder público continua fonte de preocupação constante da população e estimula a formação de redes de apoio a partir dos próprios moradores. O suporte a essa malha de solidariedade é vital para a saúde e a sobrevivência de um grande número de famílias.
- Continua importante o combate à desinformação que gera descrença e confusão sobre os perigos da Covid-19. É fundamental que o poder público, em seus vários níveis, reconheça ajude a impulsionar as iniciativas das comunidades.

O QUE É A REDE

Somos mais de 70 pesquisadores mobilizados para aperfeiçoar a qualidade das políticas públicas do governo federal, dos governos estaduais e municipais que procuram atuar em meio à crise da Covid-19 para salvar vidas. Colocamos nossas energias no levantamento rigoroso de dados, na geração de informação criteriosa, na criação de indicadores, na elaboração de modelos e análises para acompanhar e identificar caminhos para as políticas públicas e examinar as respostas que a população oferece.

A Rede de Pesquisa Solidária conta com pesquisadores das Humanidades, das Exatas e Biológicas, no Brasil e em outros países. Para nós, a fusão de competências e técnicas é essencial para se enfrentar a atual pandemia. O desafio é enorme, mas é especialmente entusiasmante.

E jamais seria realidade se não fosse a contribuição generosa de instituições e doadores privados que responderam rapidamente aos nossos apelos. A todos os que nos apoiam, nosso muito obrigado.

Visite nosso site: <https://redepesquisasolidaria.org/>

Siga a Rede de Pesquisa Solidária nas redes sociais



QUEM FAZ

Comitê de Coordenação

Glauco Arbix (USP), João Paulo Veiga (USP), Fabio Senne (Nic.br), José Eduardo Krieger (InCor-Faculdade de Medicina USP), Rogério Barbosa (Centro de Estudos da Metrópole), Ian Prates (Cebrap, USP e Social Accountability International), Graziela Castelo (CEBRAP) e Lorena Barberia (USP)

Coordenação Científica Lorena Barberia (USP)

Editores Glauco Arbix, João Paulo Veiga e Lorena Barberia

Doações e contato redepesquisasolidaria@gmail.com

Consultores Alvaro Comin (USP) • Diogo Ferrari (Universidade de Chicago) • Flavio Cireno Fernandes (Prof. da Escola Nacional de Adm. Pública e Fundação Joaquim Nabuco) • Márcia Lima (USP e AFRO-Núcleo de Pesquisa e Formação em Raça, Gênero e Justiça Racial) • Marta Arretche (USP e Centro de Estudos da Metrópole - CEM) • Renata Bichir (USP e CEM) • Guy D. Whitten (Texas A&M University) • Arachu Castro (Tulane University)

Design Claudia Ranzini

Equipe responsável pela Nota Técnica No.12

Coordenação Graziela Castello (CEBRAP), Priscila Vieira (CEBRAP) e Monise Picanço (CEBRAP)

Pesquisadores Dafny Almeida (CEBRAP) • Daniela Costanzo (CEBRAP) • Jaciane Milanezi (CEBRAP) • Jonatas Mendonça dos Santos (USP) • Laura Simões (USP) • Rodrigo Brandão (USP)

Instituições parceiras



Instituições de apoio

